

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**LUCAS APARECIDO DORIGON MERUSSE**

**Antifascismo no Brasil - Frente Única Antifascista (1933 - 1934)**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM HISTÓRIA**

**São Paulo  
2022**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**Lucas Aparecido Dorigon Merusse**

**Antifascismo no Brasil - Frente Única Antifascista (1933 - 1934)**

Artigo apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência para obtenção do título de BACHAREL em História, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Rago Filho.

**São Paulo  
2022**

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste Trabalho de Conclusão de Curso por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos. Assinatura\_\_\_\_\_

Data\_\_\_\_\_

e-mail\_\_\_\_\_

## Resumo

Este trabalho discute o antifascismo no Brasil, através da análise das ações da organização denominada Frente Única Antifascista (FUA), formada em 1933, e atuando principalmente na cidade de São Paulo. O estudo buscou compreender, por meio do periódico *Homem Livre*, publicado entre 1933 e 1934 pela própria FUA, como os ideais fascistas se desenvolveram na cidade de São Paulo, se dispersando para outros estados posteriormente, e quais foram as estratégias usadas pela FUA para combater os movimentos fascistas brasileiros e como isso impactou a opinião pública e a política brasileira.

## Introdução

A década de 1930 foi um período marcado pela crise econômica mundial de 1929, que abalou a sociedade e conseqüentemente, causou o acirramento dos embates políticos e ideológicos, que se agravaram devido ao desgaste do sistema político burguês. É nesse momento de instabilidade política e econômica que ideais nacionalistas fomentam movimentos de extrema direita, inicialmente concentrando-se na Europa, através da ascensão do Partido Fascista na Itália, e do Partido Nazista na Alemanha, e posteriormente espalhando-se pelo mundo.

Vemos o fascismo como uma expressão da decadência e da desintegração da economia capitalista e como um sintoma da dissolução do Estado burguês. [...] ele [fascismo] desperta e arrasta consigo amplas massas sociais que perderam a segurança sobre a garantia de sua existência e, com isso, a sua crença na ordem social. As raízes do fascismo estão, de fato, na dissolução da economia capitalista e do Estado burguês. (ZETKIN, 2019, p. 37)

No caso italiano, o Partido Fascista ascendeu ainda na década 1920, pois já nessa época o país vivia uma grave crise econômica, por consequência da Primeira Guerra Mundial, mesmo sendo uma das nações vencedoras da guerra. A Itália se via fragilizada economicamente, como Clara Zetkin sintetiza: “A burguesia retornou da guerra vitoriosa, mas mortalmente ferida” (ZETKIN, 2019, p. 44).

Nesse contexto, grupos sociais inspirados pela Revolução Russa de outubro de 1917, ganharam bastante relevância no debate público, fomentando movimentos revolucionários. Na Itália, uma greve geral liderada por metalúrgicos e com a adesão posterior de camponeses e ferroviários, é organizada em setembro de 1920, reivindicando aumento salarial, melhores condições etc. A maioria das fábricas do centro industrial foi ocupada, e conselhos foram formados para organização da produção entre os trabalhadores, estruturando uma espécie de guarda para proteção dos manifestantes. Após um mês de paralisação, o esgotamento levou alguns líderes a aceitarem negociar com os proprietários das fábricas, resultando no fim da greve.

Esse levante demonstrou a força da classe operária italiana, o que fez com que as classes dominantes ficassem alarmadas com a organização desses trabalhadores, enxergando assim o partido fascista como uma opção viável para o

controle das massas. Dessa forma, o Partido Nacional Fascista, tendo como principal liderança Benito Mussolini, surge em um momento de intensa agitação social, gerada pela insatisfação social causada pela crise mundial pós guerra, com um discurso republicano que, buscava na ideia de nação a superação dos antagonismos sociais,

O que as massas não esperavam mais da classe operária revolucionária e do socialismo, agora esperam que seja atingidos pelos elementos mais capazes, fortes, determinados e impetuosos de todas as classes sociais. Todas essas forças deveriam unir-se em uma comunidade. E essa comunidade, para os fascistas, é a nação. (ZETKIN, 2019, p. 41)

O fascismo italiano se vendeu como um partido popular que atendia os anseios das massas que ficaram ainda mais pobres. No caso, trabalhadores tiveram seus salários reduzidos ou perderam seus empregos. Uma fração da burguesia, se viu cada vez mais empobrecida e passaram a compor a grande massa desempregados. Essa parcela fragilizada da sociedade aderiu ao fascismo, pois se viu desiludida e desamparada.

O partido fascista, além do ultranacionalismo, tinha também como mote central do seu discurso o anticomunismo, o que garantiria o apoio da burguesia italiana. Então, sob esses ideais, o grupo promoveu diversas ações violentas contra movimentos de operários e camponeses, revolucionários ou não, e perseguiram suas principais lideranças. Esses atos criminosos promovidos pelos fascistas contaram com a falta de interesse do Estado em barrar e punir essas ações pois, para as classes dominantes, Mussolini e seus camisas negras, como eram conhecidos os, eram importantes para conter os avanços dos movimentos revolucionários.

Em maio de 1921, Giovanni Giolitti, presidente do conselho de ministro da Itália, dissolve o parlamento e convoca novas eleições gerais. Nessas eleições, o partido fascista obteve uma grande vitória, ocupando 35 cadeiras no parlamento, no qual o próprio Mussolini foi eleito. Essa vitória só foi possível pelo apoio de grandes proprietários de terras, o que obrigou o líder político a omitir seu discurso anti monárquico pois, essas elites rurais eram extremamente ligadas à monarquia italiana, demonstrando uma das contradições do partido, visto que o fascismo não conseguiu romper com poderes vigentes da época.

Apesar dessa grande contradição, Mussolini saiu extremamente fortalecido dessas eleições. Assim, a repressão contra os movimentos de trabalhadores se ampliou, ou seja, a milícia fascista, dos Camisas Negras, ganhou amparo do aparato estatal para prosseguir com ações extremamente violentas contra a classe operária e aqueles julgados como inimigos da nação.

Mesmo bem sucedidos, o partido precisava conquistar as massas para que pudesse se consolidar no poder, então para isso foram criadas as Corporações Nacionais, que na verdade eram sindicatos controlados pelos fascistas, com o intuito de controlar o operariado e aparelhar as organizações de trabalhadores. Com isso o partido procurava demonstrar que, apesar de contarem com apoio das classes dominantes, o fascismo era um movimento popular, utilizando esses sindicatos para aproximar os trabalhadores desses ideais.

Diante desse cenário, os fascistas foram ganhando muitos adeptos e se fortalecendo politicamente, tendo como uma das suas principais vitórias, a contenção de uma segunda greve geral em 1º de agosto de 1922, coordenado pelo Partido Socialista Italiano e por organizações sindicais, que simbolizou uma grave derrota para os movimentos de esquerda. Essa tentativa de greve frustrada dos movimentos operários, foi importante para Mussolini e seus seguidores, pois ela encorajou o avanço político do movimento fascista italiano, resultando no que foi a principal vitória do partido, a chamada Marcha sobre Roma de 22 a 29 de outubro de 1922. Ato contínuo, ocorre a nomeação de Mussolini, em 31 de outubro de 1922, como primeiro-ministro da Itália.

Neste mesmo período, um outro movimento semelhante ao de Mussolini se formou na Alemanha. Assim como na Itália, o fascismo encontrou no país um terreno bem fértil, devido à gravíssima crise econômica, elemento fundador desse movimento. No caso alemão, a economia do país foi devastada pela derrota na guerra, pelas sanções econômicas e pela indenização que a Alemanha devia às nações da Tríplice Entente, como uma das cláusulas do Tratado de Versalhes. A guerra, assim como na Itália, gerou um aumento da pobreza na que causou uma insatisfação geral da população com o sistema vigente.

Como um elemento fundamental do movimento alemão, o antisemitismo se agrega ao anticomunismo e ao ultranacionalismo. O nazismo, como ficou conhecido o fascismo alemão, enxergava a comunidade judaica como inimigos da pátria, que culpa os judeus pela derrota da Alemanha na guerra e como consequência, assinou

o armistício e pagou indenização às nações vencedoras. Esse ambiente favoreceu narrativas imagéticas como o Protocolo dos Sábios de Sião, que colocava o judeus como conspiradores comunistas e financiadores de partidos comunistas pelo mundo.

No Brasil, o fascismo teve como principal representante dessa corrente ideológica, a Ação Integralista Brasileira (AIB), liderada por Plínio Salgado. A AIB foi inspirada pelo movimento de Mussolini, tendo muitos elementos em comum, como a postura nacionalista e a aversão aos ideias marxistas. Essa inspiração, no fascismo italiano tem origem em 1930, quando Plínio Salgado viaja para Itália e conhece o próprio Mussolini, ficando encantado com a estrutura do Partido Fascista e dizendo que aquele seria o sistema político do futuro.

Quando Plínio Salgado retorna ao Brasil, ele funda um periódico chamado *A Razão*, buscando difundir e cristalizar um novo movimento político, nos moldes do que presenciou na Europa, adaptando a realidade brasileira. Para isso, foi fundada a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), o que seria o protótipo da Ação Integralista. Suas ideias giravam em torno da construção de uma identidade nacional e de um Estado forte e autoritário, e fazia um apelo à defesa da família nos moldes cristãos. O antisemitismo também era uma ideia muito forte dentro desse movimento, tal como na Alemanha. Esse grupo teve um certo apoio de intelectuais da época, como Cândido Motta Filho, e foi bem recebido pela classe média brasileira, em especial a paulista.

Durante a terceira reunião da SEP, no dia 06 de maio de 1932 em São Paulo, Plínio propôs a formação de outro grupo, buscando ampliar as ações da Sociedade. Contando com a presença de diversos intelectuais nacionalistas e conservadores, incluindo estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo, a proposta de Plínio Salgado foi aceita e assim é formada a Ação Integralista Brasileira. Porém, a AIB só ficou conhecida nacionalmente em 07 de outubro de 1932, por conta da Revolução Constituinte, pois foi decidido esperar um momento mais oportuno para oficialização do grupo.

Em território brasileiro existiram outros movimentos fascistas, tais como a Ação Social Brasileira, a Legião Cearense do Trabalho que atuou de 1931 a 1937, o Partido Nacional Sindicalista, e a Ação Imperial Patrianovista Brasileira. A existências desses grupos demonstram que o fascismo chega ao país por outros

vieses, apesar de não terem a relevância que a Ação Integralista Brasileira, de Plínio Salgado, detinha naquele momento.

Uma das preocupações principais da AIB era a importância de ressaltar seus símbolos, como a letra grega sigma ( $\Sigma$ ) que representava a união de todas as parcelas da sociedade em um projeto de formação do Estado integral. Os integralistas eram conhecidos como “camisas verdes”, que era o uniforme usado por seus integrantes, que consistia em uma camisa social verde e uma calça cáqui ou preta. O uniforme era de tal relevância, que enquanto os membros estivessem o utilizando, deveriam ser seguidos alguns códigos de conduta.

O movimento de Plínio Salgado, conseguiu muitos adeptos durante seu tempo de atuação, por conta de uma de suas características principais, seu apelo às massas. Com um discurso nacionalista que acenava tanto para intelectuais, tanto para trabalhadores, o integralismo, se estruturou como um movimento de massas, aceito pelas classes dominantes.

A decantada "brasilidade integral", a ideia que o poder passaria às camadas médias, o aceno aos trabalhadores através de uma série de reivindicações sociais-democráticas, ao lado de uma luta contra o "judaísmo internacional capitalista usurário e bolchevista", embora tudo da boca para fora, fizeram com que o Integralismo começasse a ganhar corpo. Suas formações de camisas verdes davam a cada um que as vestia a sensação de poder na decisão dos assuntos nacionais. Desde logo o Integralismo passou a ser aceito também por frações cada vez mais amplas das classes dominantes e da oficialidade das forças armadas, sobretudo da Marinha. (MAFFEI, 1984, p.50)

Os integralistas contavam com um aparato de propaganda bem articulado, onde difundiam suas ideias e anunciavam suas ações. Um exemplo, foi a revista *Anauê*, que foi um dos periódicos mais conhecidos da AIB, que circulou entre os anos de 1935 a 1937, apesar da imprensa integralista já ter se iniciado em 1932.

A imprensa como meio de divulgação e doutrinação se configurou logo nos primeiros momentos de fundação da AIB. Em dezembro de 1932, estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo organizaram o jornal *O Integralista*. Em pouco tempo, impressos de circulação nacional passaram a fazer parte do cotidiano brasileiro. (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 43)

A AIB promoveu encontros por todo país como forma de demonstrar a força e recrutar membros para o movimento. Em abril de 1933, ocorreu o primeiro desfile integralista na cidade de São Paulo, contando com a participação de cerca de quarenta membros, todos utilizando o tradicional uniforme do movimento.

Em contraponto a ascensão do fascismo brasileiro, algumas parcelas da sociedade se organizaram - principalmente após a primeira manifestação da AIB em 1933 - para combater o avanço dessa ideologia. Entre os grupos formados estão o Comitê Antifascista, grupo anarquista que atuou apenas por alguns meses e os Comitês Antiguerrreiros, que ligados ao PCB, tinham como mote central a luta contra o que seria a guerra imperialista<sup>1</sup>, seguindo as instruções da Terceira Internacional, que não aceitavam pessoas filiadas a outros partidos, formando uma frente única apenas pela base.

Esses primeiros grupos antifascistas era compostos por intelectuais e universitários<sup>2</sup>, que se organizavam promovendo assembleias que seriam fundamentais para coordenar suas ações. Para tal, contavam com o auxílio de revistas e jornais, para difundir propagandas antifascistas e divulgar o que era discutido nas assembleias.

A partir de junho de 1933, surge um novo movimento antifascista no Brasil, A Frente Única Antifascista (FUA). O movimento foi criado como uma resposta aos avanços da Ação Integralista Brasileira (AIB), e seu núcleo principal era formado por militantes da Liga Comunista Internacionalista (LCI) - Partido de orientação trotskista, dissidente do Partido Comunista Brasileiro (PCB) - e do Partido Socialista Brasileiro (PSB). A FUA, se propunha a organizar os grupos de esquerda em uma frente única, como já é ressaltado em seu próprio nome, para combater os avanços do fascismo em território brasileiro.

---

<sup>1</sup>Para os comunistas ligados à Terceira Internacional, a luta principal era para impedir mais uma guerra, que seria travada entre as potências imperialistas da época em detrimento da classe trabalhadora, para a manutenção do seu poder, para assim continuar exercendo a sua dominação pelo globo: "Lênin chama de Imperialismo este processo estrutural que forma monopólios e promove a exportação de capital com íntima relação entre burguesia e estado gerando uma competição intensa entre potências capitalistas" Bugiati, C. (2017). Kautsky e Lênin: imperialismo, paz e guerra nas relações internacionais. Revista Novos Rumos, 54(2). 9 (do pdf) <https://doi.org/10.36311/0102-5864.2017.v54n2.05.p24p>.

<sup>2</sup> RODRIGUES, André. Bandeiras negras contra camisas verdes: Anarquismo e Antifascismo nos jornais, a plebe e a lanterna. In: RODRIGUES, A. BANDEIRAS NEGRAS CONTRA CAMISAS VERDES: ANARQUISMO E ANTIFASCISMO NOS JORNAIS A PLEBE E A LANTERNA (1932-1935). Tempos Históricos, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 74–106, 2017. DOI: 10.36449/rth.v21i2.17657. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/17657>. Acesso em: 13 nov. 2022.

Ao contrário do que era defendido pelo PCB, a FUA tinha como objetivo ser uma frente ampla para combater um inimigo comum, que naquele momento era representado pela AIB. O PCB não compunha a frente única, por dois motivos principais: divergência de como era interpretado a ameaça fascista e também pelas orientações da Terceira Internacional, de não compor coligações com outros partidos políticos só com as bases, mesmo assim militantes pecebistas ainda participavam de ações das FUA. Essas diferenças na interpretação sobre o fascismo, diziam respeito a uma visão trotskista, que o viam como uma ameaça real à própria existência das esquerdas, sejam elas revolucionárias ou não. Já para os comunistas ligados à terceira internacional, o fascismo representava apenas um acirramento das disputas políticas, que levaria a uma revolução.

Em primeiro lugar, quanto à natureza da ameaça fascista. Para o PC, o fascismo fazia parte da escalada das forças reacionárias e imperialistas rumo a uma radicalização internacional dos fatores que haviam configurado a crise econômica capitalista e que acirraram as condições cada vez mais presentes para a eclosão de uma nova guerra mundial. O PC não considerava a especificidade histórica do fenômeno fascista, ou seja, este se equiparava às outras formas de fenômenos autoritários e não merecia, portanto, uma política específica. Antes de lutar contra o fascismo, o PC propunha a luta “contra a guerra”. A luta contra a guerra não significava uma política defensiva, pelo contrário, considerava-a inexorável e uma antevéspera da revolução. Urgia, pois, esperar pela guerra e transformá-la em guerra civil, que poderia criar as condições para o estabelecimento de um governo revolucionário. (CASTRO, 2002, p.365)

Nesse sentido, a FUA contava com o periódico denominado *O Homem Livre*, como seu principal veículo de propaganda. O periódico tinha a participação de lideranças da própria FUA na sua linha editorial, que era composto por Fúlvio Abramo, Geraldo Ferraz, José Pérez, Lívio Xavier e Mário Pedrosa. *O Homem Livre* teve sua primeira edição publicada no dia 27 de maio de 1933, e a última em 24 de fevereiro de 1934, difundido principalmente na cidade de São Paulo. Desde sua primeira edição, o jornal já toma uma postura antifascista, tanto nacional quanto internacionalmente, denunciando o que ocorria na Itália e na Alemanha, e atacando a Ação Integralista Brasileira, apontando as semelhanças do integralismo com o movimento fascista da Itália.

Uma das primeiras ações do movimento foi a realização de um comício que marca a inauguração da FUA em 10 de junho de 1933, data destinada a homenagear o militante socialista italiano Giacomo Matteotti, assassinado pelos fascistas. Assim, aproveitando a ocasião, foi proposta a formação de uma frente única para combater a ameaça fascista. Sendo formada assim uma comissão preparatória para estudar as bases de formação da frente única.

Estavam presentes mais de 500 pessoas. Usaram da palavra Francesco Frola, discursando sobre o homenageado e sua luta; José Isaac Pérez pelo O Homem Livre, e Aristides Lobo em nome da Liga Comunista Internacionalista (bolcheviques-leninistas). Orador fluente, Aristides propôs a formação de uma frente única antifascista, declarando-se disposto a “dar a mão a todos os que, embora militantes de outras ideologias, se encontram empenhados em defender-se contra a ação sistematizada”.(ABRAMO, 2014, p. 36)

Porém, é só em 25 de junho de 1933, que a Frente Única Antifascista é oficializada em uma cerimônia que contou com a presença de das seguintes organizações de esquerda: PSB, Grêmio Universitário Socialista, União de Trabalhadores Gráficos, Legião 5 julho, Liga Comunista Internacionalista, Partido Socialista Italiano, Bandeira dos 18, Grupo Socialista Giacomo Matteotti, jornal *O Homem Livre*, jornal *A Rua*, revista *O Socialismo*, Grupo Itália Livre, Federação Operária de São Paulo, jornal *A Lanterna* e jornal *A Plebe*. Após esse evento em 14 de julho de 1933, a FUA organiza um comício onde foi lido o Manifesto da Frente Única Antifascista<sup>3</sup>.

No entretanto, após o comício de 14 de julho, a FUA permanece um certo período inerte, no qual é publicado no jornal *O Homem Livre*, na edição de 12 de setembro de 1933, a uma carta, intitulada: “Quem quer lutar contra o fascismo? Que as organizações antifascistas respondam nossa interpelação”, convocando as organizações que compunham a frente única, para se movimentarem. Essa carta, cobrava uma atitude dessas organizações e ressalta a existência da ameaça fascista.

Deste modo, percebe-se que *O Homem Livre*, é parte fundamental da Frente Única Antifascista, não só por conta de ter membros importantes do movimento entre seu dirigentes, mas é através desse jornal que a maioria das ações do grupo,

---

<sup>3</sup> O Manifesto da Frente Única Antifascista foi publicado na 8ª edição do jornal *O Homem Livre* no dia 17 de julho de 1933

foram registradas, divulgadas e participando ativamente na convocação de membros para o movimento. Tendo uma importância maior do que ser apenas um veículo de propaganda, mas também com um documento imprescindível para o estudo histórico do antifascismo no Brasil.

Um exemplo do valor do documental do periódico para a luta antifascista se dá em suas publicações, que registram a oposição atuante. Tendo em vista que durante o período de atuação da FUA, ocorreram muitos confrontos entre antifascistas e integralistas, foi noticiado na edição do dia 20 de novembro do *O Homem Livre*, que durante um comício da própria frente no dia 14 de novembro de 1933 em São Paulo, na sede da Associação das Classes Laboriosas, onde havia cerca de mil manifestantes antifascistas presentes, um confronto se inicia, quando cerca de duzentos integralistas tentam invadir o evento, para dispersar a manifestação, mas são impedidos pelos próprios manifestantes.

A Partir do comício de 15 de dezembro de 1933 - que também foi marcado por confronto contra os integralistas - os integrantes da FUA, propõem a formação de grupos de defesa antifascistas, visando proteger os seus militantes contra a violência de milícias integralistas. O movimento também começa a tentar se articular com os sindicatos, para formar a Coligação dos Sindicatos Operários de São Paulo.

A tarefa de organização de da Coligação teve como aliados principais e mais influentes João da Costa Pimenta, Manoel Medeiros e Mário Dupont, da União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo (UTG); a Coligação das Associações Proletárias de Santos, representando 18 sindicatos e o Sindicato dos Contadores de São Paulo, representado por Américo Paulo Sesti, seu presidente. Nosso trabalho consistia em mostrar em mostrar que a luta antifascista era (como ainda é) uma tarefa específica da classe operária, cuja presença na orientação e na execução dessa luta era única garantia de êxito final. (ABRAMO, 2014, p.42)

No início do ano 1934, no dia 24 de fevereiro, *O Homem Livre* publicou a sua última edição, na qual continha dois artigos importantes, uma análise sobre dois comícios, realizados pela FUA nos dias 25 e 26 de janeiro, que foram reprimidos pela polícia e um comentário escrito por Mário Pedrosa, criticando a conduta do PCB em relação a FUA. O jornal suspende suas publicações por conta de dificuldades financeiras e porque parte de seus principais redatores haviam sido presos e os que ainda estavam trabalhando no jornal estavam desempenhando

muitas funções. Com o fim do jornal a FUA, perde seu principal meio de divulgação e de ação política, o que abala o movimento, que já enfrentava uma crise por conta da repressão policial contra as organizações de esquerda.

No dia 07 de outubro de 1934, ocorreu na Praça da Sé, São Paulo, o que ficou conhecido como um dos mais importantes confrontos entre antifascistas e integralistas, resultado do crescente acirramento político da época. Neste dia, estava marcado um desfile da AIB com cerca de 10 mil camisas verdes rumo à Praça da Sé, em comemoração aos dois anos da fundação da Ação Integralista Brasileira. Sabendo disso, os grupos antifascista convocam um “contracomício” para barrar a manifestação integralista. Tendo o conhecimento do trajeto do desfile, a FUA posiciona atiradores para atacar os líderes da manifestação. Ciente dessas informações, a AIB se reforça com manifestantes armados e toma outro caminho para a praça. Chegando na praça os integralistas são recebidos com vaias e xingamentos, houve um princípio de tumulto que faz com que a cavalaria da polícia receba as ordens para atacar, que resulta num grande tiroteio entre antifascistas e integralistas. O confronto terminou sendo uma grande vitória das esquerdas, que conseguiram afugentar os integralistas da praça. O evento ficou conhecido mais tarde como "A revoada dos galinhas verdes".

Tendo em consideração o contexto internacional político no qual a Europa se encontrava e como seus ideias ultranacionalistas se difundiram em território brasileiro, influenciando uma ampla camada da população, o estudo aprofundado dos grupos que fizeram oposição ao Fascismo na década de 30, se justifica para desvendar o caráter violento desse viés político que se desenvolvia no Brasil, e como ele influenciou e seguiu influenciando setores da sociedade posteriormente. Para tanto, o periódico *Homem Livre* (1933-1934) ressalta sua relevância histórica e social, ao permitir uma análise contundente do combate ao Fascismo no Brasil.

### *Metodologia*

A fonte utilizada foi o periódico *O Homem Livre* (1933-1934). O estudo do periódico foi realizado tanto de maneira virtual, acessado na biblioteca digital da Unesp<sup>4</sup>, quanto presencial, por meio de cópias microfilmadas no acervo da

---

<sup>4</sup> O periódico está disponível digitalmente em:  
<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/collections/23e0bae7-2137-4f3b-a0f4-979b02993d7f?cp.page=1>

Biblioteca Mário de Andrade. Em ambos pode-se encontrar a coleção completa do periódico. A primeira edição do jornal data de 27 de maio de 1933 e a sua última de 24 de fevereiro de 1934, totalizando vinte e duas edições. A coleta de dados foi realizada por meio de anotações e fichamentos, que visavam responder questões sobre as ações da Ação integralista, ações de oposição da FUA, notícias sobre o fascismo internacionalmente.

A forma pela qual foi feita a leitura da fonte se baseia no livro de Eric Hobsbawm, “Como mudar o mundo: Marx e o marxismo“. Nesta obra Hobsbawm faz uma análise sobre o impacto do pensamento de Marx no mundo após a sua em 1883. Um dos tópicos abordados pelo autor é a luta antifascista no período entre 1929 a 1945, que ele chamou de “era antifascista”, e nesse momento os ideias marxistas deixam de estar tão concentrados nas regiões de língua alemã e russa, se difundindo pelo mundo. Essa proliferação das ideias marxistas é devido ao contraste, gerado pela crise de 1929, entre o colapso capitalista e o sucesso do sistema socialista, levou muitos intelectuais a aderirem ao marxismo, mas por conta das conquistas dos movimentos nazifascistas, os movimentos socialistas e comunistas foram marcados pela luta antifascista.

Se o contraste entre o colapso capitalista e a industrialização planejada do socialismo levou alguns intelectuais a se voltarem para o marxismo, o triunfo de Hitler nas eleições, uma evidente consequência política da crise, transformou um número muito maior de outros intelectuais em antifascistas. Com a instauração do regime nacional-socialista, o antifascismo tornou-se a questão política central por várias razões. Em primeiro lugar, o fascismo em si, até então visto sobretudo como um movimento identificado com a Itália, tornou-se o principal veículo internacional da direita política. Em vários países, multiplicaram-se e cresceram movimentos políticos fascistas, ou que, não sendo fascistas, desejavam associar-se ao prestígio e ao poder dos dois importantes países europeus sob regimes fascistas. (HOBSBAWM, 2011, p.161)

Com isso podemos analisar que o periódico *O Homem Livre* se enquadra nessa análise feita por Hobsbawm, pois como o jornal tem como seus principais dirigentes intelectuais marxistas trotskistas, sendo um importante veículo de difusão

das ideias marxistas em território brasileiro, mas ele terá como mote principal o antifascismo por conta, da proliferação dos ideais fascistas por parte do AIB.

### *Considerações finais*

A ascensão do nazifascismo na Europa, demonstra o acirramento das disputas políticas e ideológicas existentes na década de 1930, influenciando na proliferação de diversos grupos fascistas pelo mundo. Essas ideias se manifestam em território brasileiro, principalmente através da Ação Integralista Brasileira (AIB) liderada por Plínio Salgado, foi o principal representante dessa ideologia no país, conseguindo um grande número de adeptos. Tendo em vista o avanço do fascismo que surge a Frente Única Antifascista (FUA) em 1933 na cidade São Paulo, através dos esforços de diversos grupos progressistas da época.

A FUA foi muito importante para a luta antifascista, pois foi uma das primeiras experiências de união de grupos progressistas no Brasil. Apesar de ter sido uma experiência muito mais paulistana do que nacional, conseguiu por muitas vezes frustrar manifestações da AIB durante seu período de atuação, ocupando os espaços públicos, impedindo a realização desses atos. Tendo como principal veículo de divulgação o periódico *O Homem Livre* (1933-1934), o movimento conseguiu articular suas ações e expor as semelhanças do integralismo com o fascismo italiano.

O jornal *O Homem Livre*, também foi um importante ambiente de interação dos intelectuais antifascistas paulistas, reunindo textos de diversas linhas de pensamento em suas edições. Mesmo tendo atuado por um curto período de tempo, a FUA e *O Homem Livre*, tiveram papel importante no combate antifascista, sendo um importante meio de articulação das esquerdas, organizando reuniões e contramanifestações com a finalidade de ocupar os espaços públicos e dificultar as ações da AIB.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAMO, Fúlvio. A revoada dos galinhas verdes. São Paulo: Veneta, 2014

BUGIATO, Caio. Kautsky e Lênin: imperialismo, paz e guerra nas relações internacionais. **Revista Novos Rumos**, [S. l.], v. 54, n. 2, 2017. DOI: 10.36311/0102-5864.2017.v54n2.05.p24. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/8533>. Acesso em: 13 out. 2022

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). In: Topoi (Rio de Janeiro) [online]. 2002, v. 3, n. 5, pp. 354-388. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2237-101X0030050015>>. Epub Jul-Dec 2002. ISSN 2237-101X. <https://doi.org/10.1590/2237-101X0030050015>. Acesso em: 16 nov. 2022

GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020

Hobsbawm, E. J. (Eric J.) Como mudar o mundo : Marx e o marxismo, 1840-2011/ Eric Hobsbawm ; tradução Donaldson M. Garschagen — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

MAFFEI, Eduardo. A Batalha na Praça da Sé. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984

RODRIGUES, André. Bandeiras negras contra camisas Verdes: Anarquismo e Antifascismo nos jornais A Plebe e a Lanterna (1932-1935). **Tempos Históricos**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 74–106, 2017. DOI: 10.36449/rth.v21i2.17657. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/17657>. Acesso em: 13 set. 2022

ZETKIN, Clara. Como nasce e morre o fascismo. Trad. Eli Moraes. São Paulo: Autonomia Literária, 2019